

# Editorial

## ***Número especial sobre João Batista Vilanova Artigas e Le Corbusier***

A revista eletrônica arq.urb concebeu este número especial como homenagem aos dois grandes criadores, arquitetos e artistas, cujo trabalho foi fundamental para a construção de uma forma concreta de estabelecer um conhecimento sobre o mundo: a modernidade. A publicação deste número temático foi idealizada como continuidade das atividades promovidas pela Universidade São Judas Tadeu para festejar o centenário do nascimento de Vilanova Artigas, que aconteceram em setembro deste ano.

Lembramos nesta edição dois acontecimentos contrários no seu significado, mas unificados no seu sentido de homenagem: O nascimento de João Batista Vilanova Artigas, acontecido em Curitiba em 23 de junho de 1915, assim como os 50 anos do falecimento de Le Corbusier, Charles Édouard Jeanneret-Gris, em 27 de agosto de 1965, decorrente de um lamentável acidente náutico. Lembramos, também, os 30 anos do desaparecimento do próprio Artigas, que nos deixou em 12 de janeiro de 1985.

Nascimento e morte são rememorados de formas diferentes, mas homenagens a grandes artistas em geral são feitas da mesma forma: através do levantamento aprofundado de suas obras, de pesquisas que nos permitem entender cada vez melhor o que em vida fizeram, e, por meio da análise dos seus legados, avaliar o impacto de suas ideias e suas obras na atualidade.

Uma forma concreta de aproximação a esse legado é dar a palavra aos próprios mestres homenageados como forma de introduzir suas visões de mundo. Para tanto, na seção *Depoimentos e debates* apresentamos duas entrevistas de Artigas, uma de 1978 concedida a Eduardo de Jesus Rodrigues, e outra de 1984, concedida a Livia A. Pedreira.

A primeira, inédita, faz parte do acervo do Arquivo Multimeios do Centro Cultural São Paulo da Prefeitura Municipal da Cidade de São Paulo, e nela Artigas descreve, comenta e analisa sua produção

dos anos 1940, indicando que nesses projetos poderíamos encontrar a origem da modernidade arquitetônica concretizada em suas obras posteriores. O arquiteto Celso Ohno nos oferece uma introdução na qual resgata os acontecimentos que tornaram possível a realização da entrevista.

A segunda é uma republicação da última entrevista concedida por Artigas antes de seu falecimento. O motivo de sua realização foi o Prêmio Auguste Perret, de tecnologia aplicada à arquitetura, outorgado ao arquiteto pela União Internacional de Arquitetos (UIA), em janeiro de 1984. O texto de apresentação posiciona o arquiteto como o “a única e última figura de humanista da sociedade contemporânea” e, com base nessa apreciação, desenvolve uma análise de como sua obra dos anos 1950 e 1960 conseguiu romper com as tipologias tradicionais da moradia paulista, ancoradas nos padrões comportamentais do século XIX. Discute ainda questões políticas que afetaram sua vida pessoal, além da profissional, como o AI5 e o exílio, e reflete sobre sua contribuição ao ensino de arquitetura.

Le Corbusier comparece na seção *Clássicos em português* com um texto do pós-guerra, *L'Espace Indicible* (O espaço Indizível), originalmente publicado em 1946 em um número especial da importante revista francesa *L'Architecture D'Aujourd'hui*. Foram divulgadas versões variadas deste texto desde então. A que aqui se apresenta, com tradução (e comentários) de Artur

Simões Rozestraten, é a mais sintética, bastante difundida em francês na Internet. Considera-se este texto importante, pois nele, pela primeira vez, Le Corbusier enfrenta a definição (ou indefinição) do problema do espaço ao qual nunca antes tinha se referido, situando-o numa dimensão ancestral, quase ontológica: “A prova primeira da existência é ocupar o espaço”, e na sequência desenvolve, como afirma Rozestraten, uma visão poética “posta no âmbito da experiência arquitetural, plástica, ambiental”.

Compõem a seção *Ensaio e pesquisa* dez artigos, dos quais sete referem-se a diferentes enfoques da produção de Vilanova Artigas, um deles articula a produção do arquiteto brasileiro a de Le Corbusier, dentre outras influências do cenário nacional e, por fim, os dois últimos dedicam-se à produção específica de Le Corbusier.

O artigo de Myrna de Arruda Nascimento trata também da poética, desta vez relacionada com a obra de Vilanova Artigas. Proposto, a partir das reflexões de sua dissertação de mestrado (1997) e das discussões ocorridas na Jornada Artigas na USJT, a pesquisadora aborda as influências estéticas que perpassam a obra do mestre brasileiro, apoiando parte de seus comentários numa entrevista também inédita, realizada em 1984 por alunos do 4º ano da FAUUSP daquele ano, dentre os quais se encontrava a autora. No depoimento do mestre identifica-se a chave de interpretação “para compreender o projeto de minha faculdade

(O Edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, FAUUSP, situado na Cidade Universitária), e o processo criativo daquele que o concebera”.

Com o mesmo viés, baseado na análise das influências que marcaram a obra de Artigas, o artigo de Paulo Yassuhide Fujioka reexamina as possíveis aproximações entre as obras do mestre e as de Frank Lloyd Wright. Discutidas em sua Tese de Doutorado (2004), o pesquisador retoma o tema, passados onze anos, com maior profundidade, discutindo os princípios do organicismo não só nas casas dos anos 1940, tese de maior aceitação, mas na fase madura do arquiteto brasileiro. O artigo apresenta, ainda, uma ampla revisão bibliográfica com comentários que enriquecem o panorama atual da produção acadêmica dirigida à investigação da obra de Artigas.

Os pesquisadores Wilson Florio, Rafael A. C. Perrone, Ana Tagliari Florio retornam às casas do arquiteto com uma pormenorizada leitura dos projetos (construídos ou não), com maquetes e desenhos, identificando tipos formais e partidos arquitetônicos que se constituíram como importantes ferramentas de projeto de Vilanova Artigas. Partindo da tradicional leitura das obras do arquiteto “por fases”, os pesquisadores reorganizam a produção do mestre identificando um grupo de obras iniciais (até 1940), as experimentações dos primeiros anos 1940, seguida das rupturas no final dessa década tão produtiva. Com a adoção

do telhado “asa de borboleta”, esses projetos desembocarão na autonomia formal e construtiva alcançada nos anos 1960, quando, por exemplo, realizará experiências com formas de arcos. Amplo material iconográfico acompanha a discussão e sustenta as conclusões.

No trabalho de Victor Paixão e Ana Paula Koury, coloca-se em pauta o discurso do arquiteto, suas ideias e suas convicções através de um dos textos mais conhecidos do mestre: *O Desenho*, a famosa aula inaugural na FAUUSP em 1967. Seguindo o tema que abordaram como mestrando e orientadora os pesquisadores se apoiam nas ideias expostas no texto, assim como nos desenhos do projeto do edifício da FAUUSP (1962-68), para entender em que medida a arquitetura exerce um papel significativo na transformação da sociedade e na formação de um povo. As questões políticas e ideológicas permeiam esse discurso e o inserem nas questões sociais pelas quais o país estava passando nos anos 1960, antes e depois do golpe de estado de 1964.

Com uma proposta similar que aproxima a realidade sociocultural do país à produção do arquiteto, Mônica Junqueira de Camargo aponta como a conjunção de alguns fatores bastante precisos propiciou um contexto favorável à criação de uma nova arquitetura em São Paulo. Entre os fatores indicados pela pesquisadora, poderíamos destacar: o advento do brutalismo; o Plano de Ação do Governo Carvalho Pinto 1959-1963

“que abriu uma oportunidade ímpar de produção aos arquitetos paulistas”, e a reforma universitária que possibilitou a formação da FAUUSP (a instituição e o edifício). É precisamente nesse contexto propício que a pesquisadora situa sua aproximação crítica à chamada Escola Paulista.

O artigo de um grupo de pesquisadores do IAUUSP, Miguel Antonio Buzzar, Maria Tereza Regina Leme de Barros Cordido, Lúcia Noemia Simoni, estabelece um diálogo muito frutífero com o artigo de Mônica Junqueira de Camargo, não só porque aborda o tema do Plano de Ação do Governo Carvalho Pinto, usando de fontes documentais similares, mas porque é condizente com a tese de que esse contexto aberto à modernidade permitiu o surgimento de uma “rica e variada produção arquitetônica” no Estado de São Paulo, deixando uma caudalosa herança de obras públicas, “baseada no conceito de planejamento-orçamento”. Essa vasta produção, sustentam os autores, contribui para sedimentar a linguagem moderna como forma arquitetônica, suplantando o ecletismo até então dominante, deixando um importante conjunto patrimonial que merece ser estudado e preservado.

Justamente, nessa linha da preservação e do patrimônio é que se encontra o artigo de Andréa de Oliveira Tourinho que nos apresenta uma pesquisa sobre o tombamento do Santapaula lateclube e sua Garagem de Barcos (1961), obra que, segundo a autora, foi resultado da faceta otimista

que o período do pós-guerra representou para a arquitetura brasileira em geral e para a paulista, com sua força brutalista, em particular. Se os anos 1950 foram anos cariocas, os 60, pelo menos até o golpe de estado, foram anos de construção de uma modernidade paulista poderosa e criativa, momento no qual o edifício da Garagem de Barcos pode apresentar-se como paradigmático. O tombamento (Conpresp), iniciado em 2000 e finalizado em 2007, reflete esse valor cultural de uma obra moderna ímpar que reconheceu os valores histórico, ambiental e arquitetônico do conjunto, bem como o fato de a garagem de barcos constituir “uma das obras mais significativas da fase brutalista do Movimento Moderno em São Paulo”. O artigo, ainda, transcreve depoimentos importantes de outros personagens envolvidos no projeto, como Carlos Cascaldi (sócio de Artigas) e Adelino Boralli (o cliente).

Finalizando o conjunto de artigos cujo tema é Artigas apresentamos o trabalho de Maria Isabel Imbronito que nos permite fazer uma ponte com os trabalhos cujo foco será Le Corbusier, pois aborda “a relação entre expressão artística e técnica construtiva, por parte de Le Corbusier, Lucio Costa, Oscar Niemeyer e Vilanova Artigas”. A autora situa assim o arquiteto “paulista” entre seus pares brasileiros e o relaciona com o mestre da primeira geração do qual todos os outros receberam, em maior ou menor medida, influência. O tema do artigo é o concreto armado e suas especificidades como material construtivo moderno, não tanto

desde um ponto de vista técnico, mas essencialmente expressivo: a forma como “manifestação representativa da cultura material moderna”.

Rogério de Castro Oliveira apresenta uma leitura da produção de Le Corbusier também fundada na forma, ainda que não precisamente na técnica construtiva ou no material, mas na forma arquitetônica pura como forma urbana. Uma aproximação não convencional ao trabalho do mestre europeu, que o coloca numa situação de interpretação do lugar, do sítio, urbano como pré-requisito da definição formal da arquitetura. Segundo o autor, não é a tabula rasa do Plano Voisin, é a construção da moradia ateliê de Ozenfant que leva a repensar as estratégias de projetos de Le Corbusier, sensí-

vel às condições concretas do local.

Completa a aproximação a Le Corbusier, o trabalho de Silvia Raquel Chiarelli, que procura pelo arquiteto no Brasil. Estabelece, assim, uma conversa também com o artigo de Imbronito, ainda que centrando a pesquisa sobre uma obra pouco tratada pela historiografia nacional: o projeto para a Embaixada da França no Brasil, projeto iniciado em 1964, mas interrompido pelo falecimento do arquiteto em 1965. O artigo da pesquisadora nos informa sobre as condições da própria pesquisa, em desenvolvimento, indicando o caminho das pedras para o encontro das fontes documentais primárias, como também o levantamento da ampla bibliografia consultada. ■